

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino
de Leitura e Produção de Texto – PROLEITURA

Aline Pereira de Jesus Leal Silveira

LEITURA DE OBRAS INFANTOJUVENIS E PROMOÇÃO DE TEXTO COM A
PROPOSTA DE INCLUSÃO DE UM NOVO GÊNERO TEXTUAL NO ÂMBITO
ESCOLAR A FANFIC

Belo Horizonte

2023

Aline Pereira de Jesus Leal Silveira

**LEITURA DE OBRAS INFANTOJUVENIS E PROMOÇÃO DE TEXTO COM A
PROPOSTA DE INCLUSÃO DE UM NOVO GÊNERO TEXTUAL NO ÂMBITO
ESCOLAR A FANFIC**

Monografia de especialização apresentada à faculdade de Letras Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Texto.

Orientador: Marcelo Chiaretto

Belo Horizonte

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS FACULDADE DE LETRAS
ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Teoria e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de
Textos

ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DA ALUNA ALINE PEREIRA DE JESUS LEAL SILVEIRA

Realizou-se, no dia 25 de julho de 2023, às 09:30 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *LEITURA DE OBRAS INFANTOJUVENIS E PRODUÇÃO DE TEXTO COM INCURSÃO DE NOVOS GÊNEROS TEXTUAIS NO ÂMBITO ESCOLAR*, apresentado por ALINE PEREIRA DE

JESUS LEAL SILVEIRA, número de registro 2021699760, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Prof. Marcelo Chiaretto - Orientador, Prof. Alex Fabiani de Brito Torres (UFMG), Profa. Adriana Nunes da Costa.

A Comissão considerou o Trabalho:

Aprovado ()

Reprovado ()

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Prof. Marcelo Chiaretto (Doutor)

Prof. Alex Fabiani de Brito

Torres (Doutor)

Profa. Adriana Nunes da

Costa (Especialista)



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Chiaretto, Professor do Magistério Superior**, em 26/07/2023, às 14:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alex Fabiani de Brito Torres, Professor Ensino Básico Técnico Tecnológico**, em 26/07/2023, às 18:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamentono art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Nunes da Costa, Usuário Externo**, em 27/07/2023, às 16:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2492798** eo código CRC **1BDA4370**.

Referência: Processo nº 23072.206750/2023-4SEI nº 2492798

https://sei.ufmg.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=arvore_visualizar&id_documento=2690926&infra_sistema...

FOLHA DE APROVAÇÃO

LEITURA DE OBRAS INFANTOJUVENIS E PROMOÇÃO DE TEXTO COM A PROPOSTA DE INCLUSÃO DE UM NOVO GÊNERO TEXTUAL NO ÂMBITO ESCOLAR A FANFIC

ALINE PEREIRA DE JESUS LEAL SILVEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso, modalidade especialização, defendido junto ao Programa de Letras - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – aprovado pela banca examinadora, constituída pelos professores:

Prof. Marcelo Chiaretto

.....

Prof. Marcelo Chiaretto Profa. Adriana Nunes da Costa

.....

Prof. Alex Fabiani de Brito Torres

.....

Belo Horizonte

2023

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho de pesquisa a Deus, ao meu pai José Dalton Leal (*in memoriam*) que faleceu há três meses, ao meu orientador Marcelo Chiaretto com muita gratidão pela paciência e, especialmente, por compartilhar seu conhecimento comigo. À minha amiga, Hilda Coca Germany, que foi uma fonte inesgotável de apoio técnico durante todo o processo. Obrigada por tudo.

“Uma nação não é apenas um produto da História. Um grupo de homens unidos, unidos pela tradição comum, estabelecida, mantida e reforçada durante um longo passado de convivência, pela igualdade de falar, pela expressão dominante que entre eles tomam ideias e afetos, vive, ligado embora por estes laços morais, sobre um pedaço de solo”.

Orlando Ribeiro 1987: 25

RESUMO

A internet tem mudado profundamente a maneira como vivemos, nos comunicamos e pensamos o mundo. Por meio dela, somos capazes de ampliar nossas conexões tanto fisicamente como cognitivamente, compartilhando nossos conhecimentos e interesses com diferentes pessoas mundo afora, e em consequência, novas manifestações literárias surgem a partir desse movimento de evolução e adaptação social. Sendo assim, este trabalho procura explorar os principais fatores que fazem da *fanfic* uma aliada no desenvolvimento literário de adolescentes e jovens adultos. O seu valor é sociocultural e cognitivo, ambos de forma subjetiva e social, uma vez que "é na palavra que o inconsciente encontra sua articulação essencial" (DOR, 1980). Além disso, reivindica-se sua relevância dentro do espaço escolar como gênero textual e também como ponte facilitadora para outras mediações de leituras, isto por meio dos estudos sobre gênero textual do linguista Luiz Antônio Marcuschi e a literatura e sociedade do sociólogo Antônio Cândido.

Palavras-chave: conexões; fanfic; gênero textual; internet; literatura.

ABSTRACT

The internet has profoundly changed the way we live, communicate, and perceive the world. Through it, we are able to expand our connections both physically and cognitively, sharing our knowledge and interests with different people worldwide. Consequently, new literary manifestations emerge from this movement of social evolution and adaptation. Therefore, this paper seeks to explore the main factors that make fanfiction an ally in the literary development of teenagers and young adults. Its value is both sociocultural and cognitive, in subjective and social ways, since "it is in words that the unconscious finds its essential articulation" (DOR, 1980). Furthermore, its relevance within the school space is claimed as a textual genre and also as a facilitating bridge for other reading mediations, through studies on textual genre by linguist Luiz Antônio Marcuschi and literature and society by sociologist Antônio Cândido.

Keywords: connections; fanfiction; textual genre; internet; literature.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|-----------|----|
| Figura 01 | 26 |
| Figura 02 | 27 |
| Figura 03 | 28 |
| Figura 04 | 32 |
| Figura 05 | 34 |
| Figura 06 | 38 |
| Figura 07 | 39 |
| Figura 08 | 39 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 13 |
| 1 CONCEITOS TEÓRICOS | 15 |
| 1.1 Literatura..... | 15 |
| 1.2 Literatura e Cânone | 16 |
| 1.3 Gêneros Textuais..... | 17 |
| 1.4 <i>Fanfic</i> | 18 |
| 1.5 Subjetividade..... | 20 |
| 1.6 Afetividade | 21 |
| 2 QUAIS OS FATORES QUE CATIVAM O JOVEM LEITOR AO GÊNERO <i>FANFIC</i> E COMO EXPLORÁ-LOS?..... | 23 |
| 2.1 A Literatura Como Formadora Social..... | 23 |
| 2.2 Cultura Erudita X Popular | 26 |
| 2.3 <i>Fanfic</i> : Um Gênero Textual Legítimo | 29 |
| 2.4 O Valor Sociocultural Da <i>Fanfic</i> | 33 |
| 3. MEDIAÇÃO DE LEITURA | 36 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 40 |
| REFERÊNCIAS..... | 43 |

INTRODUÇÃO

A internet tem sido um divisor de águas desde o seu surgimento até os anos mais recentes, com a sua rápida evolução. Sua acessibilidade e fluidez vem sendo fundamental para o compartilhamento de conhecimento, uma vez que temos o mundo inteiro ao alcance de nossas mãos. Esse universo virtual é fundamental para conectar pessoas ao redor do mundo e servir como plataforma para discussões e reflexões do cotidiano.

Apesar dos pontos negativos, como a propagação de informações falsas e a ampliação do analfabetismo funcional, é por meio dela que a sociedade está sendo capaz de evoluir em tantas áreas, de forma que tudo parece mais rápido e humanamente incapaz de processar. Sua funcionalidade tem oportunizado a capacidade de revolucionar a maneira como pensamos e enxergamos o mundo, nos impulsionando a desestabilizar os preconceitos cristalizados e as estruturas mais convenientemente estabelecidas por intermédio da nossa sociedade letrada.

Essas experiências pessoais e conjuntas viabilizam a formação e reflexão complexa quanto aos objetos de estudo, da mesma forma que sua influência sobre nós. Os elementos culturais da sociedade intervêm ativamente na subjetividade e atuam na escola, família e na formação humana, uma vez que [a constituição do sujeito se realiza pela interdição que a linguagem estabelece no contato com o outro] (LIMA, 2016, p. 21).

A aprendizagem por meio da literatura e das relações que essas obras propiciam fazem parte de uma trajetória individual e singular à medida que, simultaneamente, compartilha-se uma jornada social. O papel da escola moderna é ir na direção contrária à que se tem traçado até aqui e transformar o ambiente ditatorial em um espaço de cooperação literária, onde os alunos sintam-se convidados a compartilharem seus interesses literários e não mais como se fossem menos válidos.

Histórias em HQs como *Turma da Mônica*, *Mafalda*, *Vingadores* e *Arlequina*, ou mangás como *Naruto* e *Your Name*, são exemplos de gêneros extremamente populares e presentes na vida dos jovens, mas, quando são apresentadas em sala de aula, não tem uma participação significativa tampouco um estudo de análise mais aprofundado sobre seu conteúdos.

Muito se fala sobre a importância cultural e formadora que os gibis da *Turma da Mônica* e as tirinhas da *Mafalda* apresentam em sala de aula e como seus

conteúdos abordados contribuem no desenvolvimento desses leitores, no entanto, essas franquias ainda são estudadas superficialmente, possivelmente, por terem como público alvo crianças e adolescentes.

A *fanfic* surge como uma ponte facilitadora de mediação de leitura, um lugar de refúgio para onde leitores sabem que podem se voltar quando buscam uma conexão e uma interação mais profunda com algo no qual se importam, valorizando a subjetividade de cada indivíduo.

Mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas (MARCUSCHI, 2002, p.1).

Embora ainda haja relutância para a aceitação dessa nova arte dentro do espaço literário e educacional — apesar do termo aparecer sete vezes no novo documento norteador das políticas públicas de currículo no Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) —, essa monografia defende o valor sociocultural e humanitário da *fanfic* como literatura e sua atuação como gênero textual legítimo.

1 CONCEITOS TEÓRICOS

1.1 Literatura

A literatura é um conceito discutido por diversos estudiosos, cuja possibilidade interpretativa é muito abrangente. Um dos primeiros a tentar explicá-la foi o filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.), caracterizando-a como arte da *mímesis*, ou seja, “a arte que imita pela palavra.”

Há certo fundamento na crença de que a literatura seja o reflexo da vida em palavras, tendo em vista que a palavra “literatura” vem do latim *littera*, que significa “letra”. Entretanto, este conceito é limitador quando se entende literatura não como uma imitação, mas como uma manifestação artística criativa e comunicativa que ocorre não só através de textos escritos, mas de música, dança, teatro, escultura, pintura, arquitetura e diversas outras artes, a fim de expressar o que entendemos e sentimos enquanto sociedade e indivíduos (BONALD, 1859).

A leitura/escrita literária, no entanto, é a manifestação artística cujo conceito está mais vinculado à literatura, que proporciona o encontro com o outro e com nós mesmos por intermédio da palavra. Por meio de seus significados, intrínsecos ou figurados, os autores procuram colocar nas entrelinhas seus sentimentos, pensamentos e fantasias, pois a literatura permite entender a nós mesmos a partir de uma visão do mundo de outrem (CANDIDO, 1975, p. 23).

Trata-se de uma arte que decifra o individual e o social e nos conecta com culturas e singularidades diferentes ou similares às nossas; ela nos permite conhecer a história do mundo ou de pessoas, através de palavras desenvolvidas para criarem um sentido, a fim de nos cativar e nos fazer refletir. O autor e crítico literário Antonio Candido conceitua a Literatura como formadora do homem:

Pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares [...] por via oral ou visual; sob formas curtas e elementares, ou sob complexas formas extensas, a necessidade de ficção se manifesta a cada instante (CANDIDO, 1999, p. 83).

Portanto, vê-se a literatura como via de conhecimento que explora a nossa necessidade de compreensão do outro tal qual a de nós mesmos, fazendo com que ela seja essencial enquanto constituição da consciência humana. A literatura

encontra-se nos detalhes do dia a dia e não pertence apenas aos indivíduos adultos e letrados, ela nos cerca e envolve sem exceções.

1.2 Literatura e Cânone

O termo “cânone” vem da palavra em grego “kanon”, que “designava uma espécie de vara com funções de instrumento de medida” e atualmente é utilizada para determinar o padrão de algo; ou seja, a literatura canônica é o termo que define as literaturas valorizadas dentro da cultura social, sendo que ela habita os espaços escolares de prestígio e é a partir dela que se mede a qualidade de outras obras literárias. Esta categoria tomou forma no século XIX, a partir do Romantismo, que elaborou uma teoria e uma história da literatura brasileira com base na expressão literária do sentimento de nacionalismo.

A primeira geração romântica era composta por autores como Gonçalves de Magalhães, considerado o introdutor do romantismo no Brasil; e Gonçalves Dias, responsável por solidificá-la na nossa literatura, resgatando elementos de representação universal, mas que contassem com características brasileiras, como a valorização do “índio” e elementos da natureza nacional. O romantismo é considerado uma ruptura dos escritores brasileiros com a superestimação da cultura europeia, em busca de uma construção cultural própria com base em elementos da história, folclore, língua e natureza que fossem capazes de determinar a noção de pátria e de si mesmos, enquanto indivíduos brasileiros.

É preciso olhar para essas obras com cautela e observar o impacto que elas representam para a nossa cultura dentro do espaço social e temporal na qual foram desenvolvidas, pois “se compreende uma obra quando se identificam as perguntas às quais ela respondeu ao longo da história” (COMPAGNON, 1998, p. 214).

Existem muitas produções literárias revolucionárias dentro do cenário brasileiro que hoje são vistas como produções problemáticas, tais quais: a obra de Monteiro Lobato, que, apesar de serem inegavelmente importantes para a formação e o desenvolvimento da criatividade do leitor de literatura infantil, vem sendo questionada por suas características estereotipadas e racistas.

A Literatura-cânone é composta por livros clássicos que habitam os espaços de prestígio, tanto escolares quanto universitários, devido ao seu valor de grande qualidade histórico-social. O que ocorre é que há uma crença enganosa de que a

literatura clássica é elevada ao ponto de ser intocável, que sua relevância sociocultural a isenta de todas as conotações e pensamentos errôneos que ela ajuda a perpetuar — embora, em determinados casos, seja necessário analisá-las diacronicamente. Desta forma, não é mais possível continuar a repassá-las a novas gerações de leitores ilesas de críticas.

1.3 Gêneros Textuais

Os gêneros textuais, de acordo com Marcuschi, são uma construção teórica linguística baseada em aspectos que compõem essa área de estudo, entre eles, aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais e relações lógicas. No entanto, “caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais” (MARCUSCHI, 2002, p. 1), podendo manifestar-se via oral ou escrita.

“Em suma, pode-se dizer que os gêneros textuais fundam-se em critérios externos (sociocomunicativos e discursivos), enquanto os tipos textuais fundam-se em critérios internos (linguísticas e formais)” (MARCUSCHI, 2002, p. 1), esse autor difere gêneros textuais de tipos textuais.

Os gêneros textuais se dividem em cinco principais categorias dentro da tipologia textual, sendo elas: narração, descrição, argumentação, exposição e injunção. As narrativas consistem em contar uma história com personagens e acontecimentos que ocorrem, em sua maioria, por meio de apresentação, desenvolvimento, clímax e desfecho. Fazem parte dessa categoria: romances, novelas, contos de fadas, crônicas, lendas e fábulas.

Os textos narrativos serão o foco principal dessa análise, uma vez que suas características literárias são as que melhor aplicam a esta discussão sobre literatura. É através delas que os autores são capazes de criar histórias que afetem seus leitores, proporcionem emoções e reflexões a partir de um enredo criativo e bem estruturado.

Segundo Marcuschi (2002, p. 1), “os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem”. Como visto anteriormente, eles são bem diversificados e estão sempre se adaptando às novas formas de comunicação, suprimindo as demandas que surgem, principalmente, com o avanço das novas tecnologias e as conexões que estas oferecem. As formas de

comunicação adaptam-se naturalmente ao passo que a sociedade evolui, independente se os espaços educacionais as reconhecem e adotam oficialmente, ou não.

1.4 *Fanfic*

Os termos “*fanfiction*”, “*fanfic*” ou “*fic*” vêm da palavra em inglês *fanfiction*, que é uma junção das seguintes palavras: *fan*, do inglês, “fã” e *fiction*, do inglês, “ficção”. *Fanfic* é um gênero literário muito popular entre adolescentes e jovens adultos e, como a própria palavra sugere, trata de histórias de cunho fictício.

Entretanto, o gênero não é apenas fictício, mas uma categoria desenvolvida por *fandons* (grupos de fãs que compartilham interesse por uma história ou indivíduos em comum) e autores anônimos que escrevem e reescrevem suas histórias favoritas, sejam elas baseadas em séries, filmes, novelas, livros, bandas e diversos artistas. Uma das definições mais completas caracteriza a *fanfic* como:

Uma história escrita por um fã, envolvendo cenários, personagens e tramas previamente desenvolvidos no original, sem que exista nenhum intuito de quebra de direitos autorais e de lucro envolvidos nessa prática. Os autores de *fanfictions* dedicam-se a escrevê-las em virtude de terem desenvolvido laços afetivos tão fortes com o original, que não lhes basta consumir o material que lhes é disponibilizado, passando a haver a necessidade de interagir, interferir naquele universo ficcional (VARGAS, 2005, p. 21).

Ampliando esse conceito, a *fanfic* é a conexão necessária encontrada por fãs de diversas franquias e pessoas para manterem vivo seu vínculo afetivo com determinado personagem ou história, seja pela leitura do material derivado do original disponibilizado por outros fãs ou da escrita de sua própria autoria.

As *fanfics* são divididas em dois segmentos, sendo eles o *cânon* e o *fanon* (JENKINS, 2006, s/p). O *cânon* acontece quando o autor decide ser o mais fiel possível à história original, não só respeitando as características dos personagens principais, mas seguindo a mesma linha narrativa da qual a sua *fanfic* é derivada. Ou seja, elementos verídicos são utilizados para levar mais credibilidade à sua escrita.

O *fanon*, por sua vez, é a manifestação mais autônoma dos autores. Embora possa se basear em características previamente definidas pelo criador, exploram espaços, universos alternativos e casais diferentes do conteúdo original, por vezes

utilizando de detalhes mínimos do produto primário para legitimar sua perspectiva.

Os dois principais objetivos das *fanons* são desenvolver histórias que o texto originário não foi capaz de abordar: explorando a sexualidade de personagens e/ou reparando acontecimentos com os quais a audiência discorda, como por exemplo, a morte de um personagem querido ou um casal que, por algum motivo, não ficou junto ao fim daquela obra.

Apesar de ter se popularizado nos anos 90 com o crescimento da internet, através de fóruns e diferentes *sites* de relacionamento onde os fãs encontraram um meio de compartilhar sua paixão pelos mesmos assuntos, em *A Brief History of Media Fandom* (2006) a autora Francesca Coppa indica a presença de narrativas impressas em revistas desde os anos de 1920. Entretanto, o termo “*fanfiction*” apareceu pela primeira vez como *fanzines* — revistas que circulavam entre fãs, abordando determinados filmes e séries da década de 1960, que passaram a incluir narrativas de fãs derivadas dessas histórias.

Alguns estudiosos vão mais longe e defendem que o gênero já existia há muito tempo, alegando que grandes clássicos da literatura mundial podem ser considerados *fanfics*. No artigo *Fanfiction Is a Valid Literary Genre, and Here's Why* (2020) o historiador Cat Webling defende que o clássico *Eneida*, escrito por Virgílio no século I a.C., se encaixaria perfeitamente no gênero literário *fanfic*, tendo em vista que a obra é considerada uma sequência não oficial da *Ilíada*, de Homero, lançada no século VII a.C. A epopeia de Virgílio narra os acontecimentos na vida do troiano, Eneias, após a queda da cidade de Tróia, evento original presente no poema épico de Homero.

O autor romano buscou superar o poeta grego e escrever o poema épico mais perfeito de todos os tempos, característica semelhante a um dos principais elementos do gênero *fanfic*, que utiliza fatores de uma história para criar uma ainda melhor, de acordo com os valores e interesses do próprio escritor. Ainda assim, tal fator não impede que o poema épico de Virgílio seja considerado um clássico da literatura mundial, nem desvaloriza seu valor literário, histórico e cultural, uma vez que a obra é elemento imprescindível na ementa dos cursos de Letras, por exemplo.

No Brasil, as *fanfics* tomaram espaço através da saga *Harry Potter* (VARGAS, 2005, p. 8), uma das maiores obras inspiradoras do gênero textual nos anos 2000. Desde então, podem-se encontrar *fanfics* que abordam temas populares da cultura brasileira, como as novelas e, até mesmo, *fanfics* que contam histórias derivadas do

clássico de Machado de Assis, *Dom Casmurro*, a partir da perspectiva de Capitu, preenchendo a lacuna sobre a grande incógnita da obra: Capitu traiu ou não traiu Bentinho?

A literatura da *fanfic* é extremamente complexa e abrange diversas vertentes exploradas por fãs mundo afora em plataformas desenvolvidas especificamente para essa modalidade ou em qualquer lugar que seja possível se comunicar.

O *website* www.fanfiction.net, criado em 1998, conta com mais de 12 milhões de usuários e histórias em mais de 40 línguas, e o aplicativo *Wattpad*, lançado em 2006, são alguns desses veículos de mediação criados para apoiar e incentivar escritores amadores e profissionais a publicar e disseminar suas obras para o seu público, por meio de *hashtags* e palavras-chave que os direcionam até o assunto de seu interesse. Vê-se, portanto, que este é um gênero muito cativante e adaptável a diferentes culturas e públicos.

1.5 Subjetividade

Etimologicamente, a palavra “subjetividade” vem de “sujeito”; e o dicionário (Dicionário Escolar da Língua Portuguesa. 1 ed. Barueri, SP: Ciranda Cultural, 2015) define a subjetividade como “Qualidade do que expressa pontos de vista e julgamentos de valor da própria pessoa, seus sentimentos e preferências”³. Na filosofia, por sua vez, é tida como “Estado psíquico e cognitivo do sujeito cuja manifestação pode ocorrer tanto no âmbito individual quanto no coletivo, fazendo com que esse sujeito tome conhecimento dos objetos externos a partir de referenciais próprios”. É deixar-se ser afetado por objetos que conversem com suas experiências e refleti-los a partir do que representam para si.

Para Freud, o inconsciente é uma condição determinante na constituição da subjetividade. Ao contrário do que se acreditava até então, o psicanalista divide a psique humana em dois segmentos: consciente e inconsciente. A partir disso, o autor defende que o inconsciente não é uma forma incoerente de agir e pensar, mas caracteriza-o “como uma instância psíquica marcada por uma particular maneira de operar, regulado por leis diferentes daquelas ordenadoras da consciência.” (TOREZAN e AGUIAR, 2011, p. 531).

Nada acontece por acaso, pois o sistema subjetivo não é um caos indecifrável, e esta concepção de subjetividade como um sistema com regras e padrões próprios

revolucionou a maneira de entender o indivíduo e seus afetamentos.

Foucault abordou em sua palestra *O Que é um Autor?* (1969) sobre o controle da interpretação na literatura, filosofia essa que perdura desde o início da modernidade até a contemporaneidade. Segundo o filósofo, existe uma padronização de identificação, onde a criação subjetiva é censurada em prol de favorecer uma consciência de massa que não se preocupa com a individualidade de cada um, mas que os indivíduos se encaixem em um molde homogêneo de pensar, ser e sentir.

Há uma inversão de valores cultivados por aqueles que obtêm os mecanismos de poder, pois as criações, em geral, não são mais desenvolvidas para alcançar e dialogar com diferentes perspectivas, mas passam a incentivar uma necessidade de moldar-se a algo já posto e estimado socialmente. A partir disso, Foucault (1969) defende que a compreensão da linguagem é uma ferramenta de resistência ao poder.

1.6 Afetividade

De acordo com o Dicionário, afetividade é um adjetivo “1 - Que diz respeito à afetividade, aos sentimentos; 2 - Que possui afeição ou características afetuosas; 2 - Refere-se aos sentimentos ou às afeições. Pode-se dizer, portanto, que a afetividade não está necessariamente ligada a um sentimento amoroso, mas à possibilidade de ser afetado por algo. A partir dos estudos do filósofo Henri Wallon, Fernanda Salla (2011), define a afetividade como a “capacidade do ser humano de ser afetado positiva ou negativamente tanto por sensações internas como externas”

Filósofos estimados no mundo da educação, como Jean Piaget e Lev Vygotsky, abordaram o grande impacto que a afetividade tem no processo evolutivo humano, principalmente durante suas diversas fases de desenvolvimento. Entretanto, foi o educador Henri Wallon que, a partir do estudo da psicanálise, explorou a significância de tal conceito ao incluí-lo nas categorias psíquicas motora, afetiva e cognitiva.

Nesta definição, não há uma hierarquia no grau de relevância no desenvolvimento do indivíduo, mas um entrelaçamento, pois uma atividade integralmente impacta o progresso da outra. No livro *Henri Wallon: Uma Concepção Dialética do Desenvolvimento Infantil*, a autora explica que o filósofo defendia que

"apesar de alternarem a dominância, afetividade e cognição não são funções exteriores uma à outra. Ao reaparecer como atividade predominante, uma incorpora as conquistas da anterior" (GALVÃO, 2000, p. 31 e 32).

O filósofo divide, ainda, a manifestação da afetividade em três categorias: a emoção, o sentimento e a paixão. De acordo com Wallon, elas aparecem durante toda a vida do indivíduo, revelando-se de acordo com o grau de maturidade e evolução emocional de cada um. Porém, ele defende que a emoção é a função que melhor expressa a afetividade, pois, apesar de não serem sinônimas, estas ocorrem de maneira mais orgânica.

Na linguística, ainda segundo o Dicionário (Dicionário Escolar da Língua Portuguesa. 1 ed. Barueri, SP: Ciranda Cultural, 2015) , a afetividade é classificada como “texto, narrativa, discurso ou tipo de expressão linguística em que os sentimentos do escritor ou do interlocutor se infiltram na sua linguagem ou na comunicação de suas ideias.” Partindo dessa perspectiva, acredita-se que a literatura traz a possibilidade de afetamento, ou seja, a capacidade de se envolver com narrativas que causem algum tipo de desconforto ao leitor e/ou ao escritor, que o instiguem a buscar mais sobre determinada história.

2 QUAIS OS FATORES QUE CATIVAM O JOVEM LEITOR AO GÊNERO FANFIC E COMO EXPLORÁ-LOS?

2.1 A Literatura Como Formadora Social

A literatura é a arte da resistência e da liberdade, via de questionamento de assuntos que eram ou são tabus e que, por conseguinte, são constantemente alvo de censura. Seja em 1933, quando os livros eram queimados pelos nazistas como forma de apagamento da história e cultura de um povo ou, mais recentemente, em 2019, quando o ex-prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, tentou proibir a venda de uma HQ, alegando que o conteúdo (uma cena de beijo entre homens) era inapropriado, de acordo com sua visão conservadora e religiosa.

O domínio da consciência cognitiva, principalmente no que diz respeito à linguagem, tornou possível a perseverança de diversas obras diante dessas atrocidades, seja por uma conscientização coletiva, que acionou a justiça a providenciar medidas anti censura no caso do livro da Bienal; ou, até mesmo, pela capacidade subjetiva e aberta à interpretação que manteve a literatura segura por vezes.

Um grande exemplo desta resistência são as músicas produzidas no período da ditadura do Brasil, entre os anos 1960 e 1980, que enfrentavam o regime contando e cantando histórias de duplo sentido e mensagens ocultas, bem articuladas pela composição inteligente dos significados, tal qual *O Bêbado e a Equilibrista*, de João Bosco e Aldir Blanc; *Alegria, Alegria*, de Caetano Veloso; e *Jorge Maravilha*, de Chico Buarque, entre outras.

A literatura é um dos principais alvos de ataque por determinadas instituições de poder que tentam padronizar e alienar indivíduos, pois ela inspira reflexões e indagações individuais e coletivas que são reprovadas por vertentes conservadoras, capitalistas e ditatoriais, por conflitar com seus interesses. Desta forma, o acesso a uma literatura plural como via de construção do pensamento crítico está sempre em perigo, pois ao limitarem o acesso à educação é que esses grupos são capazes de manter sua hierarquia social.

Segundo Chalita (2003, p. 10), “a literatura infantil é uma valiosa ferramenta para pensar a existência, compreender sentimentos às vezes não tão nobres, que integram o ‘humano’”. A leitura, desde a mais tenra idade, pode proporcionar

experiências sensoriais, sinestésicas e sentimentais, apenas manifestando-se de maneiras e proporções diferentes de acordo com a subjetividade de cada um, não só etária, mas, acima de tudo, identitária.

Desta maneira, entende-se literatura como um trabalho imaginativo com as palavras que exige envolvimento dos sentidos, por isso, nos emocionamos e somos afetados lendo e ouvindo histórias, e por vezes, passamos muito tempo discutindo e refletindo sobre elas.

Nosso conhecimento de mundo, nossas próprias histórias e memórias, podem nos levar a uma compreensão divergente ao interpretar determinado texto, podem nos fazer questionar sobre o que sentimos, pensamos e somos. A literatura pode dizer muito sobre o outro, mas, principalmente, nos revela muito sobre nós mesmos, seja nos fazendo confrontar com o que acreditamos e sentimos, ou o porquê de algo nos ser indiferente.

Portanto, pensemos no leitor como um participante ativo do texto, acrescentando nele sua subjetividade de tal modo que a obra literária “só pode realmente existir quando o leitor lhe empresta elementos de seu universo pessoal” (LANGLADE, 2013, p. 35).

Reflitamos, ainda, sobre qual é a importância da coparticipação entre leitor/autor na construção de um texto, sabendo que “identificar-se, durante a experiência de leitura, não é encontrar um espelho no texto; é deixar-se revelar pelo texto e ser construído por ele” (SOUZA, 2017, p. 164).

O educador Bayard (2002) defende que a leitura literária acontece a partir do momento em que o texto ganha vida, não ao ser lido, mas ao ser interpretado pelo interlocutor. Como leitores conscientes, emprestamos a estes textos características nossas, afetando e nos deixando ser afetados por tal narrativa ao ponto de identificá-la em forma de sentido; por isso, Rouxel (2013, p. 82) afirma que a “subjetividade dá sentido à leitura”.

São as nossas reações ao texto que nos permitem refletir sobre eles e ressignificá-los a partir daquilo em que acreditamos. Ou seja, a subjetividade é um fator imprescindível para uma literatura de resistência.

A interpretação não é algo hierárquico ou mesmo uma disputa na qual o autor e o leitor concorrem para obterem o poder, mas sim uma relação dialógica, na qual consciências diferentes entram em contato. É uma construção dual, mas que ocorre em negociação individual sobre o quanto deste texto é resgate, o quanto é

construção e o quanto é descarte, pois o [..“texto só existe pelo ato de constituição de uma consciência que o recebe”..] (ISER, 1976, p. 49). Sendo assim, há uma coautoria enquanto a construção de pensamento e de sentido que, em última instância, dá-se a partir do consentimento do leitor.

Dessa forma, a grande incógnita dentro do espaço literário, seja por parte dos autores ou professores, sempre foi qual a forma mais eficiente de criar essa conexão com a subjetividade de cada um, tendo em vista que existe uma variedade de temas e que é impossível agradar a todos. Quando se trata dos indivíduos que estão em fase escolar e mantêm contato regular com a literatura, a preocupação é ainda maior, pois estes precisam ser levados em consideração quando pensamos nas temáticas a serem trabalhadas.

Na primeira infância, o afeto é um fator crucial para ampliar o conhecimento da criança e estimulá-la a se desenvolver. São as atividades que causam algum tipo de afetamento — negativo ou positivo — que geram uma reação e, portanto, seu progresso cognitivo e humanitário. Quando os leitores estão experimentando o seu primeiro contato voluntário com a literatura, há uma grande preocupação com a literatura afetiva; uma literatura que converse com sua idade, suas características e que os motive o suficiente para se engajarem naquela narrativa:

Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer. As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo (BNCC, 2017, p. 40).

Entretanto, percebe-se que, ao mesmo tempo em que esses leitores evoluem, a literatura para de habitar este espaço de prazer e é substituída por uma obrigação escolar na maior parte do tempo, causando uma associação negativa com a arte. Um dos objetivos do presente trabalho é investigar por que isto acontece, e lançar luzes sobre possíveis metodologias para resgatar o apreço à leitura pelas novas gerações, educadas em telas, virtualidades e redes de escritas colaborativas.

2.2 Cultura Erudita X Popular

É preciso desmistificar o senso comum de que adolescentes e jovens adultos não gostam de ler, quando temos dados que mostram que isso está longe de ser verdade em nosso país. A pesquisa chamada *Retratos da Leitura no Brasil*, de 2019 — o mais amplo estudo sobre o tema, realizado pelo Instituto Pró-Livro a cada quatro anos —, revelou em dados que essa crença comum é, na verdade, uma grande falácia, pois crianças e adolescentes concentram as maiores proporções de leitores na população. Na faixa de 5 a 10 anos, 67% são leitores.

O topo do índice está na faixa de 11 a 13 anos, com 84%, e diminui para 75% entre os jovens de 14 a 17 anos. A partir dos 18 anos, a taxa de leitores cai continuamente, até ser ultrapassada pela proporção de não leitores na faixa de 40 a 49 anos, em que 52% da população se declara como não leitora.

Figura 01



5ª Edição – Retratos da Leitura no Brasil (2019, p. 22)
 [Destaques em vermelho feitos para essa análise]

Os dados tornam-se ainda mais alarmantes quando analisamos um dos gráficos trazido pela pesquisa e que revela o declínio de leituras de livros indicados pela escola, entre os anos de 2015 e 2019. Entretanto, em comparação ao avanço que tinha sido feito em 2015, o interesse pela leitura, de modo geral, indica estar comprometido. Confira:

Figura 02

Principal motivação para ler um livro: por Faixa Etária

| (%) | 2015 | TOTAL | FAIXA ETÁRIA | | | | | | | | |
|---|------|-------|--------------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|-----------|
| | | | 5 a 10 | 11 a 13 | 14 a 17 | 18 a 24 | 25 a 29 | 30 a 39 | 40 a 49 | 50 a 69 | 70 e mais |
| Base: Leitores | | 2798 | 307 | 204 | 133 | 403 | 254 | 474 | 332 | 439 | 66 |
| Gosto | 25 | 40 | 42 | 29 | 21 | 20 | 16 | 21 | 23 | 25 | |
| Atualização cultural ou Conhecimento geral | 19 | 9 | 12 | 15 | 20 | 23 | 28 | 22 | 19 | 23 | |
| Distração | 15 | 10 | 16 | 19 | 17 | 17 | 13 | 13 | 12 | 19 | |
| Crescimento pessoal | 10 | 4 | 7 | 9 | 14 | 10 | 13 | 13 | 10 | 3 | |
| Motivos religiosos | 11 | 3 | 2 | 1 | 4 | 9 | 13 | 16 | 25 | 25 | |
| Exigência escolar ou faculdade | 7 | 22 | 12 | 14 | 8 | 3 | 3 | 2 | 0 | 0 | |
| Atualização profissional ou exigência do trabalho | 7 | 1 | 3 | 3 | 9 | 13 | 9 | 8 | 6 | 0 | |
| Não sabe/Não respondeu | 5 | 11 | 4 | 9 | 6 | 4 | 5 | 4 | 5 | 4 | |

Base baixa

IBOPE
24 inteligência

INSTITUTO PRO-LIVRO P.35) Qual é a principal razão para o(a) sr(a) ler?

4ª Edição – Retratos da Leitura no Brasil (2015, p. 25)
 [Destaques em vermelho feitos para essa análise]

Embora tenha havido um declínio na leitura por prazer na faixa etária entre adolescentes e jovens adultos entre 2015 e 2019, esse grupo ainda continua lendo mais por vontade própria do que por obrigação com o currículo escolar, como mostram os dados acima.

Em contraponto, o contato dos leitores com as *fanfics* no último ano da pesquisa apresentou um aumento de 5% em relação a 2015, o que significa que, o gênero tem se mostrado mais relevante entre as pessoas, mesmo que não tenha o suporte escolar como veículo de mediação dessa manifestação textual:

Figura 03



4ª Edição – Retratos da Leitura no Brasil (2015, p. 104)
[Destaques feitos para essa análise]

Em entrevista à Folha de São Paulo (2019), o doutor em Letras e professor de Literatura brasileira na Unesp, João Luís Ceccantini, discutiu sobre os fatores que contribuem para esses dados, reforçando o fato de que os jovens gostam de ler; o problema é que não acreditam que a literatura convencional é para eles, porque é nisto que são levados a acreditar dentro do espaço escolar: “Nunca vou ser contra a leitura de obras canônicas, mas há um divórcio muito grande entre cultura de massa e cultura erudita”⁷.

O que contribui para esse pensamento é a marginalização da literatura popular que, de fato, instiga tais leitores, seja através das *fanfics* ou dos *best sellers*. Tais produções, por serem consideradas sublitteratura pela academia, também não têm espaço dentro das instituições escolares, muitas vezes causando o rompimento permanente do laço afetivo do aluno com os livros, ou criando uma aversão às propostas de leitura escolarizada.

Em termos gerais, temos uma dicotomia perversa no campo da cultura separado em duas vertentes: a clássica e a popular. A cultura clássica é aquela que habita os lugares de prestígio, ou seja, está nos melhores museus, nos mais respeitados teatros, é produzida pelas maiores editoras, destacada nas principais bibliotecas e estudada nas mais conceituadas instituições de ensino — e, via de regra, diz respeito à cultura de exclusividade.

Ao passo que a cultura popular é aquela que precisa reivindicar seu espaço, seja em rodas de conversas, eventos em lonas culturais, projetos de extensão, sedes

de escolas de samba, centros culturais independentes ou até mesmo praças e outros lugares abertos. Os termos procuram ditar o que é considerado cultura e o que não é, pois, dentro desses espaços de prestígio, cultura popular seria aquilo que não é cultura erudita, ou seja, é a cultura do não pertencimento.

No entanto, ela diz respeito também aos elementos sociais de nações, regiões e povos cujas manifestações artísticas e culturais produzem impacto social e os unem por meio de suas características em comum, ao mesmo tempo que os distinguem de outros grupos. Essa conexão acontece quando os leitores participam mais efetivamente do que leem, mas é limitado dentro dos conteúdos dos livros didáticos.

Ainda segundo Gee, os espaços de afinidade são ferramentas poderosas de aprendizado porque acontecem por meio de fontes mais acessíveis, onde a hierarquização sistêmica não existe, mas sim, uma cooperatividade e colaboração para aprimorar um interesse comum, de acordo com as habilidades de cada um ou, até mesmo, por apoio e incentivo. Isso acontece porque, uma vez:

“Dentro desses espaços de afinidade, as pessoas estão comprometidas em ajudar umas as outras a aprender, a produzir, independente da idade, lugar de origem, credenciais formais, ou nível de conhecimento” (GEE, 2018, Revista Kappan).

O que indica, que, ao terem mais autonomia para participar ativamente das obras que estão lendo, esses grupos aprofundam seu engajamento, não só assegurando que a leitura seja feita por completo, mas que haja um progresso a partir do que foi discutido, quer seja o desenvolvimento emocional ou intelectual desses leitores.

2.3 *Fanfic*: Um Gênero Textual Legítimo

As *fanfics* têm sua ascensão dentro desses espaços de afinidades, agindo como ponte facilitadora e um lugar de refúgio para onde esse público pode se voltar, quando buscam uma conexão mais profunda com o que se importam. Esse gênero literário criou a possibilidade de inserção dos interesses subjetivos de cada um dentro de seus textos, criando nichos específicos que podem ser explorados por ambos, produtores e entusiastas.

Como vimos anteriormente, os gêneros textuais são socioculturalmente

adaptáveis. Não somos nós quem precisamos nos encaixar nessas classificações, são elas que precisam ser úteis à nossa necessidade de comunicação diária. No entanto, por que a crônica e carta são consideradas gêneros de prestígio e ainda são ensinadas em sala de aula, mesmo que não façam parte do cotidiano dos alunos, enquanto a *fanfic*, muito mais presente nas suas realidades, é completamente ignorada?

A pergunta procede, se examinarmos a questão incômoda levantada pelos usos e não usos dos novos gêneros em sala de aula. Segundo Marcuschi, [...“tem-se a oportunidade de observar tanto a oralidade como a escrita em seus usos culturais mais autênticos sem forçar a criação de gêneros que circulam apenas no universo escolar” (MARCUSCHI, 2002, p.16)...].

Acredita-se que a rejeição com relação a esse novo gênero acontece, principalmente, por um motivo: a *fanfic* oferece inclusividade, ao passo que, atualmente, cultiva-se a cultura do não pertencimento, mesmo em instituições que, como a escola, deviam se abrir ao debate democrático e inclusivo das mais variadas formas de expressão e experimentação leitora.

Quais seriam, portanto, os elementos que nos levam a reivindicar o espaço da *fanfic* como gênero textual válido para ser trabalhado na sala de aula? A *fanfic* faz parte dos gêneros textuais do tipo narrativo, pois apresenta alguns dos aspectos principais para se classificar como tal. A partir desse princípio, é preciso se basear no estudo de Bakhtin em seu estudo *Os gêneros do discurso* (1997), que admite à “transmutação dos gêneros e na assimilação de um gênero por outro”, gerando novos.

Ou seja, a *fanfic* é uma espécie de romance, mas tem suas próprias características que a separam do gênero tradicional. Os principais fatores utilizados no desenvolvimento de uma narrativa em forma de romance são: ação, lugar onde ocorre, tempo em que acontece, personagens que a realizam, uma trama e a perspectiva do narrador — fatores que também compõem as narrativas em *fanfic*.

A diferença entre os gêneros não ocorre pela forma, mas pela função que cada uma delas exerce. Enquanto o romance procura dar vida a uma nova história, a *fanfic*, em sua forma mais original, tende a dar continuidade a uma história ou universo já pré-existente. Outro fator que também difere esses gêneros, dá-se pelos espaços onde ocorrem, pois “haverá casos em que será o próprio suporte ou o ambiente em que os textos aparecem que determinam o gênero presente”

(MARCUSCHI, 2002, p. 2).

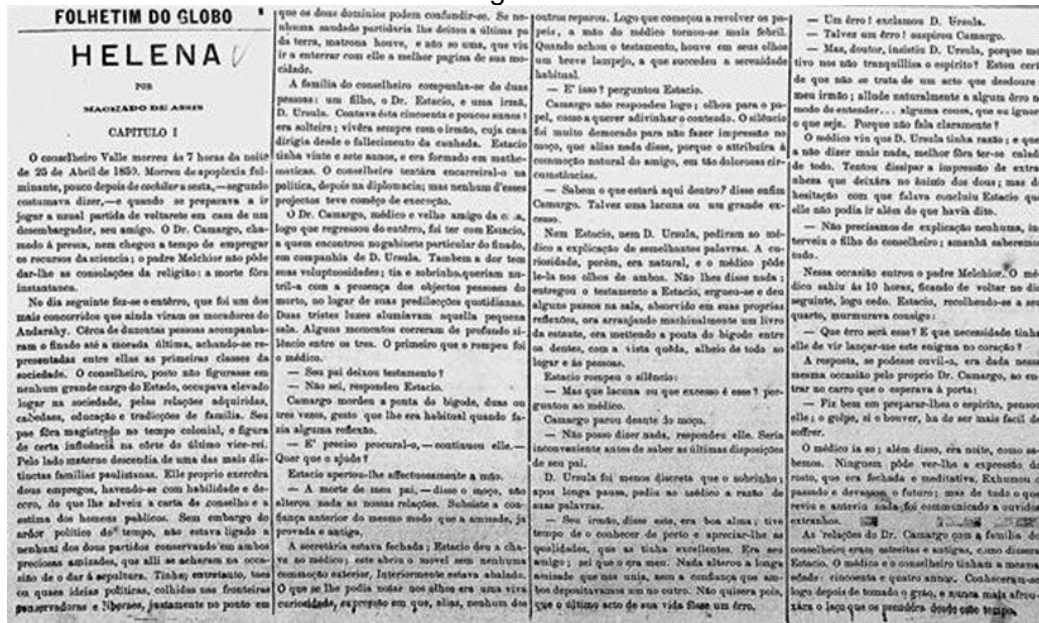
As narrativas em romance, em sua formulação mais tradicional, dominam os livros, ao passo que as *fanfics* ocupam as plataformas digitais – o que acaba sendo um dos principais motivos para a desvalorização do gênero dentro dos espaços de prestígio e a negação dele como literatura e formação cultural. Mas por que isso acontece? Precisamos voltar um pouco à origem da literatura brasileira para entendermos melhor esse processo.

Muitos clássicos da Literatura brasileira e mundial não eram publicados como livro, mas surgiram em folhetins de jornais que eram o veículo de comunicação mais popular da época.

Em meados do século XIX, a democratização do acesso aos bens culturais passava a se tornar realidade em território brasileiro, através da divulgação de notícias e de certa produção literária, mediante a ascensão e a popularização de jornais e revistas — colaborando para o desenvolvimento de uma cultura laica, já que, até então, era a igreja católica que controlava o conhecimento. O folhetim não era um gênero literário, mas a parte do rodapé da primeira página de um jornal onde publicavam-se novelas (romances diários).

Autores como Gustave Flaubert e Alexandre Dumas, escritores dos romances franceses *Madame Bovary* e *Os Três Mosqueteiros*; e os brasileiros Machado de Assis e Joaquim Manuel de Macedo, autores de *Helena* e *A Moreninha*; respectivamente, foram responsáveis por obras formadoras culturais do que é conhecido como literatura de qualidade. Estes são alguns dos escritores que utilizaram os mecanismos da época para produzir seus conteúdos e levarem literatura aos cidadãos.

Figura 04



Primeiro Capítulo de Helena – livro de Machado de Assis publicado originalmente em folhetim a partir de 6 de agosto de 1876, no jornal carioca O Globo.

Posteriormente, quando esses romances faziam sucesso no jornal, eram publicados em formato de livro, assim, legitimando o seu valor cultural como a instância mais elevada da literatura. Na época, Machado de Assis considerava o jornal um instrumento mais democrático de produção e difusão de cultura: “Literatura quotidiana, no dito de um publicista contemporâneo, é reprodução diária do espírito do povo, [...] onde se reflete, não a ideia de, um homem, mas a ideia popular, esta fração da ideia humana” (ASSIS, 1859, s/p).

O escritor considerava o jornal a maneira mais democrática de se pensar Literatura, pois o livro não proporcionava as mesmas oportunidades de discussão e reflexão que os romances em folhetim, que por serem mais acessíveis, propiciavam essa discussão.

Com base nessa perspectiva, não é de se surpreender que, com o avanço da internet, as pessoas mudem seus meios de comunicação e adaptem antigos costumes a essa nova realidade. Atualmente, temos mais livros clássicos sendo facilmente veiculados e ao alcance das pessoas com a economia gerada por programas de suporte como *Kindle*, PDF ou até mesmo bibliotecas virtuais. Ninguém ousaria dizer que as obras de Machado de Assis ou Clarice Lispector perdem seu valor porque se adaptaram a essa nova realidade de compartilhamento de textos em suporte virtual.

2.4 O Valor Sociocultural Da *Fanfic*

O acesso democrático à literatura é desconsiderado pela elite, porque é de seu interesse segregar e limitar o acesso ao conhecimento. Isso se dá de três formas: o que é publicado, quem é publicado e como é publicado, ou seja, selecionando elementos que cultuam a elite conservadora branca, patriarcal e tudo o que lhes diz respeito. Dessa maneira, o livro passou a ser símbolo associado à sabedoria. Pessoas que leem mais ou possuem uma coleção de livros físicos são, automaticamente, consideradas pessoas cultas, o que não é verdade.

Até mesmo ser considerado “culto” diz respeito a cultivar elementos culturais padronizados — aqueles que são socialmente legitimados e considerados dignos de serem passados adiante. A questão, no entanto, não é negar os clássicos da nossa literatura, mas perceber o valor das novas histórias que surgem e como elas podem contribuir para uma revolução literária, entendendo que “negar a fruição literária é mutilar a nossa humanidade” (CANDIDO, 1995, p. 186).

Uma pesquisa de 2019, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostrou que cerca de 82,7% dos domicílios brasileiros têm acesso à internet; em contrapartida, outra pesquisa, feita em 2018 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), mostra que 55% das escolas brasileiras não têm biblioteca ou sala de leitura.

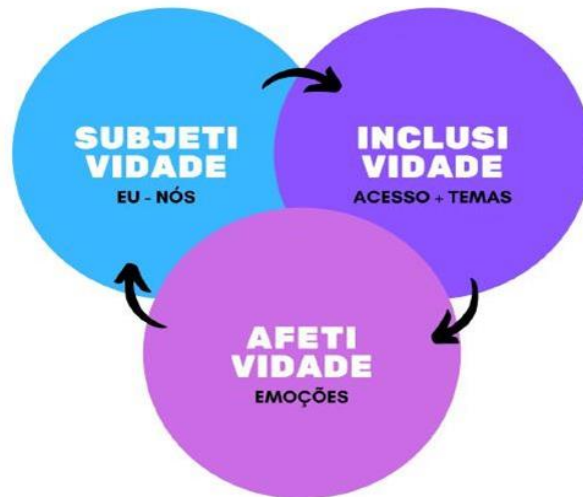
Isto posto, pode-se concluir que, atualmente, a internet é um veículo mais democrático de acesso à cultura e ao conhecimento. Muitas instituições já optam por trabalhar os livros literários presentes na grade curricular disponibilizando-os em forma digital para os alunos, mas isso não é o suficiente para prender o interesse da maioria dos jovens.

O Professor Bronwen Thomas, autor de *What Is Fanfiction and Why Are People Saying Such Nice Things about It??* (2011), com base em seus estudos, define o surgimento da *fanfic* em três principais teorias: a primeira diz respeito a uma rebelião inspirada na filosofia Marxista, com o surgimento de contranarrativas mercantis; a segunda, inspirada nas teorias de Foucault, que tentam explicar como as novas mídias uniram os fãs a ponto de eles criarem sua própria estrutura hierárquica; e a terceira trata de como as *fanfics* contribuem culturalmente a medida que promovem narrativas fora dos padrões, gerando histórias e reflexões inovadoras.

E é assim que as *fanfics* proclamam o seu espaço no cotidiano dos jovens de

hoje. A inclusão do gênero manifesta-se tanto pela forma acessível como é veiculada, como pela variedade de temas abordados. Portanto, os três pilares que constituem a *fanfic* como um gênero textual significativo são: afetividade, subjetividade e inclusividade:

Figura 05 - Os três pilares do gênero fanfic



[Interseção produzida pela autora para este trabalho.]

A afetividade diz respeito a tudo aquilo que é capaz de nos causar alguma reação, independentemente de ser positiva ou não. Ela reflete no indivíduo aquilo que ele é e sente. E nos leva à subjetividade, que é aquilo que constitui cada um de nós como indivíduos únicos: nossos pensamentos, ideias, emoções e etc. — enfim, o que é perceptível e o que não é, até mesmo para nós mesmos — e como isso se manifesta na interação com o outro. A inclusividade é o resgate da nossa subjetividade. Com base nos estudos de Cândido, Rouxel e Langlade pode-se afirmar que é por meio da inclusividade que a arte é capaz de nos afetar, pois permite nos sentirmos vistos e apreciados.

Isso tudo significa que só nos importamos com assuntos que nos dizem respeito? Não. Mas, o afeto é visto como um fator orgânico, seja na psicologia de Piaget, que diz que “sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação” (PIAGET, 1962, p. 32) ou, como bem colocou o sociólogo Cândido (1989, p. 177), “nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo”.

A premissa da *fanfic* não é a de segregar grupos, mas de criar formas de

conexão interpessoais. O seu espaço democrático permite que assuntos sobre raça, gênero, sexualidade e religião sejam melhor explorados, à medida que muitos desses temas ainda precisam reivindicar seus espaços na literatura convencional, pois as editoras e as instituições de ensino visam ao lucro e ainda precisam negociar com os grupos conservadores de domínio.

Clássicos da nossa literatura que tratam de temáticas que não dizem respeito aos grupos majoritários resistiram nas entrelinhas da história, como *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, considerado um dos primeiros romances antiescravistas da literatura brasileira e cuja trama principal foi articuladamente disfarçada em meio a narrativa de protagonistas brancos; e *Grande Sertão: Veredas* (1956), de João Guimarães Rosa, cujas questões de sexualidade e gênero são sutilmente desenvolvidas pelo autor ao longo de todo o romance.

A liberdade oferecida dentro das plataformas onde as *fanfics* são publicadas permite que esses jovens leitores escritores sintam-se acolhidos e encorajados a compartilharem sentimentos tão íntimos e a explorarem nos mais variados temas.

As narrativas são escritas por autores que sentem a necessidade de se encontrarem nos textos e, ao darem voz a esses temas, abrem uma oportunidade para que outras pessoas também se sintam representadas por aquela história, pois a Literatura "É um modo de representação real. Através de um 'fingimento', o leitor reage, reavalia, experimenta as próprias emoções e reações" (GOES, 1990, p.16).

Além disso, muitas vezes, é o único lugar em que esses jovens podem ser a versão mais autêntica de si mesmos e "é neste contexto que os gêneros textuais se constituem como ações sociodiscursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo" (MARCUSCHI, 2002, p. 3).

O conceito original da *fanfic* oferece uma leitura inocente, pelo prazer de ler e se conectar, sem objetivos mercantis; entretanto, o sucesso do gênero entre os jovens adultos levou algumas produções a serem publicadas como livro e, posteriormente, até adaptadas para os cinemas, como é o caso da trilogia *50 Tons de Cinza* (2011), que, originalmente era uma *fanfic* de romance erótico chamada *Master Of The Universe*, inspirada no romance da saga best-seller *Crepúsculo* (2005).

Isso indica que os jovens apreciam a leitura porque são apaixonados pelo assunto sobre o qual estão lendo. Há um comprometimento que vai além de só comentar, discutir sobre essas histórias ou fazer parte de um grupo. O empenho

entre os *fanfiqueiros* é tão profundo, que alguns até mesmo traduzem as histórias, a fim de quebrar a barreira das linguagens para aqueles que não falam o idioma.

É também um lugar onde esses leitores podem desenvolver o seu senso crítico, estabelecendo por conta própria o que consideram boas histórias ou não. Isso não necessariamente tem a ver com regras gramaticais, mas sim, se o enredo agrada, se contempla aquilo que eles procuram e se os afeta de alguma maneira:

A obra literária significa um tipo de elaboração das sugestões da personalidade e do mundo que possui autonomia de significado; mas que esta autonomia não a desliga das suas fontes de inspiração no real, nem anula a sua capacidade de atuar sobre ele (CANDIDO, 1999, p. 83).

Neste caso, os leitores leem aquilo que escolhem, não o que lhes é determinado, então, precisam utilizar sua autonomia e conhecimento de mundo para julgar determinada história positiva ou negativamente.

3. MEDIAÇÃO DE LEITURA

A BNCC (BRASIL, 2018, p. 37) corrobora o papel do educador em “refletir, selecionar, organizar, planejar, medir e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças.”

Porém, o próprio sistema educacional sob o qual essa base curricular foi desenvolvida não colabora para a possibilidade de execução de tal medida, considerando que a depreciação da subjetividade do leitor é compreendida como condição de êxito dentro do espaço escolar e universitário do sistema atual (LANGLADE, 2004), sabendo que, se não há ações de suporte que assegurem a realização destas medidas, elas são só uma utopia sistêmica a fim de validar uma falsa atuação.

Os livros didáticos oferecidos às escolas, assim como as famosas apostilas, ou mesmo a cobrança da literatura clássica em provas de concursos como o Enem, cooperam para que o professor, muitas vezes, se veja perdido entre oferecer ao aluno um texto que se relacione com a sua subjetividade e um texto que, uma hora ou outra, fará falta na sua trajetória acadêmica.

Como postulado na pesquisa apresentada, mais de 55% das escolas

brasileiras não possuem biblioteca escolar ou sala de leitura, o que significa que até mesmo os clássicos da literatura brasileira não estão disponíveis para a grande maioria das escolas públicas do país, e fica a cargo do professor suprir as necessidades educacionais destes alunos, preenchendo lacunas que o Estado cobra, mas não assiste.

Outro fator que contribui para a desvalorização dessas novas literaturas é o currículo universitário, que resiste em adaptar-se às literaturas contemporâneas e de resistência, sempre com olhar classicista sob a legitimidade dessas enquanto arte. Esta resistência prejudica o desenvolvimento crítico dos educadores, que deixam essa formação limitada para comandar uma sala de aula, em sua maioria, perpetuando as mesmas convicções que falham em alcançar e cativar o interesse dos alunos enquanto leitores literários.

É um ciclo vicioso que, apesar das desconstruções e evoluções atuais, ainda resiste em dialogar e compartilhar esse espaço de prestígio com grupos marginalizados. A *fanfic* como objeto de estudo do gênero textual, no entanto, é a possibilidade concreta de produzir aulas significativas, tendo esses textos como base para estudo e análise. É preciso “pensar a escola não como o espaço que destrói a experiência, mas antes a provoca, quando possibilita o encontro singular com a literatura.” (SOUZA, 2017, p. 172).

Em relação à gramática, o gênero proporciona a capacidade mais ampla de contato com a linguagem. Muito se fala sobre o aprendizado das regras gramaticais de língua portuguesa em sala de aula como experiências superficiais e não funcionais no dia a dia. Porém, a *fanfic* proporciona uma experiência genuína com a linguagem àqueles que entram em contato com essas narrativas. Isso ocorre justamente porque tal metodologia se afasta do uso do texto como pretexto e se envolve com o desenvolvimento significativo das faculdades emocionais e cognitivas, a partir da aplicação concreta do texto:

A partilha intelectual e afetiva que acontece nestes momentos de interação serve de andaime para a construção de sentidos, incentiva o prazer de ler e discutir sobre as leituras e cria um círculo de referências comuns entre os interlocutores (SOUZA, 2017, p. 171).

O *Spirit Fanfics*, uma das plataformas mais populares de publicação de *fanfics* no nosso país, oferece uma aba específica com instruções e aulas de Português,

preparadas por usuários verificados e administradores, formados em Letras e Pedagogia, para que esses produtores de conteúdo possam aprimorar seus conhecimentos linguísticos e tenham uma experiência mais enriquecedora de leitura.

São discutidos, por exemplo, assuntos gramaticais diretamente ligados às funções mais utilizadas na narração em *fanfic*, dentro do contexto do uso da língua. Veja alguma das possibilidades:

Figura 06

| Aulas de Português | |
|---|--|
| Aula 9ª - Uso de esta, está, essa, esse, este, deste e afins Aula dada por choientist (11 comentários) | Aula 58ª - Sinais de Pontuação Aula dada por +Senya (149 com) |
| Aula 8ª - Uso correto de cujo(a) Aula dada por @Er-gege (17 comentários) | Aula 57ª - Sinais de Pontuação Aula dada por @Er-gege (37 coi) |
| Aula 7ª - Uso de "am" e "ão" em Verbos Aula dada por @Er-gege (11 comentários) | Aula 56ª - Sinais de Pontuação Aula dada por @Er-gege (45 coi) |
| Aula 6ª - Uso do "Mal" e "Mau" Aula dada por choientist (19 comentários) | Aula 55ª - Sinais de Pontuação Aula dada por +Senya (18 come) |
| Aula 5ª - Uso de a / à / há Aula dada por choientist (37 comentários) | Aula 54ª - Sinais de Pontuação Aula dada por @Er-gege (48 coi) |
| Aula 4ª - Uso do "Mas" e "Mais" Aula dada por choientist (20 comentários) | Aula 53ª - Sinais de Pontuação Aula dada por @Er-gege (136 coi) |
| Aula 3ª - Uso do "Eu" e "Mim" Aula dada por choientist (50 comentários) | Aula 52ª - Homônimos VI Aula dada por +Senya (7 comen) |
| Aula 2ª - Uso dos Porquês Aula dada por choientist (102 comentários) | Aula 51ª - Homônimos V Aula dada por @Er-gege (2 coi) |
| Aula 1ª - A Nova Ortografia Aula dada por choientist (136 comentários) | Aula 50ª - Homônimos IV Aula dada por @Er-gege (6 coi) |

Retirado da plataforma **Spirit Fanfics**.

Um recurso muito inteligente no gênero *fanfic* são as narrativas denominadas como "*Imagine*", em que as histórias são desenvolvidas com características das personagens e seus pronomes são ocupados por "S/n" (sem nome), de modo que o leitor pode interferir diretamente naquela narrativa, escolhendo quem e como serão os personagens, podendo então incluir sua subjetividade no texto. Veja os exemplos:

Figura 07

Imagine SN "Qual é o Problema em amar?" (Fic LGBTQ)

escrita por **MariaEduardaDoNasci**

Em andamento

 Capítulos **6**
Palavras **3.357**
Atualizada há 4 dias às 21:14
Idioma **Português**
Categorias **Histórias Originais**

Gêneros **Gay / Yaoi, Lésbica / Yuri, LGBTQIA+, Romântico / Shoujo**

SN é uma pessoa LGBTQ+ que terá que enfrentar o preconceito do mundo para ficar com a pessoa que ama e acima de tudo, para que possa se amar do jeito que é!

16  **6**  **14** **Ver sinopse**

Exemplo de como funciona a leitura de *fanfictions* na prática.

Figura 08

RECENTES DESTAQUES AULAS GÊNEROS CATEGORIAS TAGS HISTÓRICO MINHAS HISTÓRIAS

8 Pecados Capitais

escrita por **Jade116**

Em andamento

 Capítulos **60**
Palavras **133.541**
Atualizada há 7 dias às 00:56
Idioma **Português**
Categorias **The Seven Deadly Sins (Nanatsu no Taizai)**
Gêneros **Aventura, Comédia, LGBTQIA+**
Sou péssima em sinopse, mas vamos lá kkk

S/n era prometida para se casar com Meliodas, o que finalmente traria a paz absoluta entre clã das deusas e clã dos demônios.

Filha da luz e da escuridão, viveu grande parte da sua infância no clã de seu pai sendo ensinada como ser a esposa perfeita. Mas Meliodas se apaixonou por outra pessoa e acabou abandonando noiva e filha se revoltando contra o clã. Todos a julgaram e foi considerada a culpada da guerra, trancada por anos no purgatório sofrendo vários abusos psicológicos. O que fez com que finalmente ganhasse coragem de fugir.

Depois de um tempo conheceu King e se tornou o pecado da sedução da pantera.

Obs: aqui Elizabeth é uma vilã, então tem quase 98% de chance de odiarem ela.

[Casa **S/n** e King]

16  **453**  **168**

Outro exemplo de como funciona a leitura de *fanfictions* na prática.

A partir dessa fórmula interativa de leitura, os leitores tem a possibilidade imersiva de participar efetivamente do texto, de modo que a sua subjetividade pode ser inserida mais concretamente a medida em que ele modifica a obra, dentro das possibilidades oferecidas, do modo que passe a ser mais co-autor do que apenas um observador da narrativa.

Essa possibilidade de interferência e participação ativa dos textos fornecidas por essa forma de narrativa pode cumprir um papel fundamental em sala de aula, uma vez que os alunos têm autonomia para imprimir sua subjetividade e afetamento

nas narrativas, ou seja, “Trata-se de uma relação interior com a matéria de estudo, de uma experiência com a matéria de estudo, na qual o aprender forma ou transforma o sujeito” (LARROSA, 2000, p. 52).

Sabemos que é preciso, ainda, um estudo minucioso em relação a esse material e sobre como implementá-lo em sala de aula de maneira adequada, da mesma forma que não podemos negligenciar que as *fanfics* exploram a manifestação da criatividade desses jovens, em sua forma mais intrínseca.

Embora esses sistemas tenham suas próprias regras – regras essas que os jovens precisam respeitar –, é uma forma autônoma de criação, na qual a imaginação pode vaguear sem a preocupação com a tutela de um revisor. Destarte, é por meio das *fanfics* que podemos compreender melhor as expectativas e os pensamentos desses leitores e autores.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pergunta que surge é: sob o controle de quem está a métrica do que é ou não uma literatura de qualidade? Sob o controle desses mesmos grupos que majoritariamente dominam a literatura Clássica: homens brancos de meia idade com alto grau de escolaridade e de classe alta. E é a zona de conforto dos mesmos que estagna a evolução da literatura enquanto formadora de consciência crítica social e humana.

Entretanto, isso não significa travar uma guerra contra as obras que compõem o cânone da literatura brasileira, mas uma necessidade de proporcionar aos jovens leitores o contato com narrativas plurais que conversem com o seu cotidiano, que ofereçam identificação social, cultural, identitária, pois:

“é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominantes” (CANDIDO, 1989, p. 177 e 178).

É preciso trazer ao centro a Literatura marginalizada e discutir o porquê, e por quem são menosprezadas, mediando narrativas e diálogos que afetem os alunos e os levem a uma reflexão crítica do sistema em geral, que lhes possibilitem um melhor entendimento de si e do outro, sendo que “talvez não haja equilíbrio social sem a

literatura” (CANDIDO, 1989, p. 177).

A afetividade, subjetividade e representatividade são os fatores principais de mediação da leitura de *fanfic*, uma vez que os leitores procuram na literatura um lugar de conforto, onde as suas relações afetivas, seus interesses e ideais serão valorizadas. Até então, a literatura servia a um propósito diferente daquele para o que ela foi criada. Ela servia ao sistema, não ao prazer.

A preocupação se trata de preencher um currículo, não preencher as emoções. Como novo gênero literário, a *fanfic* desmistificou a crença de que a literatura não é para todos ou que jovens e adolescentes não a apreciam.

Não só os dados apresentados nesta pesquisa comprovam a base infundada dessa injusta má fama, mas o próprio gênero literário em si, popularizado por esses indivíduos nas últimas décadas, forçam os detentores de poder dentro do espaço literário erudito a enxergar que esses jovens elevaram o nível da literatura, transformando-a em um espaço de afeto, assim como era na gênese da arte.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CÂNDIDO, 2011, p. 177).

Conforme visto até aqui, existem diversas possibilidades de implementar o gênero *fanfic* em sala de aula, como propõe a BNCC; contanto que haja comprometimento, estudo e sensibilidade por parte das instituições e de seus membros. O grupo majoritário que compõem essa categoria autodenominada de *fanfiqueros*, continuam não tendo completo embasamento teórico necessário para aperfeiçoar sua escrita ou para distinguir concretamente os benefícios daquela leitura, uma vez que ainda que devotos à arte, não compreendem seu peso sociocultural e muitos não a consideram Literatura.

Logo, a escola pode oferecer ferramentas que os garantam maior autonomia e segurança para desenvolverem suas próprias narrativas e enxergarem suas ações de leitura e escrita como cultura literária válidas.

Instituições educacionais e profissionais da educação não devem ser vistos como detentores da sabedoria imaculada ou responsáveis por uma ditadura do conhecimento, mas devem oferecer possibilidades de construção pessoal e social. Não deve-se cultivar a limitação da criatividade em prol da formação de produção

mercantil, e sim incentivar e guiar os alunos ao entendimento de que suas ações e atividades podem gerar impacto sociocultural.

A subjetividade dos leitores não deve ser disfarçada como um elemento inalcançável, mas deve haver o compromisso de torná-la um fator concreto nas aulas de literatura. Assim, é necessário sair desta atitude de negação com a literatura, para uma atitude de compromisso com ela, uma vez que mudá-la significa transformar a forma como a experienciamos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, L.F.; SOUZA, R. C. S. **A leitura literária entre a instrução e a experimentação: memórias de leitura de professores da escola básica.** Perspectivas em educação básica, 2017.
- ASSIS, Machado de. **O Velho Senado.** Revista Brasileira, 1898. *In:* ASSIS, Machado de. Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva). Edição do Kindle. Não paginada.
- ASSIS, Rafael. **A formação do Cânone literário e reflexões sobre História Literária.** Medium. Disponível em: https://medium.com/@Rafa_assis/a-forma%C3%A7%C3%A3o-do-c%C3%A2none-liter%C3%A1rio-e-reflex%C3%B5es-sobre-hist%C3%B3ria-liter%C3%A1ria-2611ba053efa. Acesso em: 07/06/2021.
- BIRELLO, Verônica. **Práticas literárias no ciberespaço: a autoria discursiva discutida por meio de fan fictions.** Linguagem - Estudos e Pesquisas, v. 17, n. 2, 2013.
- Brasil Escola. **Importância da afetividade para uma aprendizagem significativa.** Meu Artigo Brasil Escola. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-importancia-afetividade-para-uma-aprendizagem-significativa.htm>. Acesso em: 02/06/ 2021.
- Bonald, L. (2017). **Oeuvres Complètes de M. de Bonald**, Pair de France Et Membre de l'Académie Française, Vol. 3 of 3 (Classic Reprint). Estados Unidos: Fb&c Limited.
- BRONCKART, J.P [1999]. **Atividade de linguagem, textos e discurso: por um interacionismo sociodiscursivo.** Tradução Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2009.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária.** São Paulo: Nacional, 1973.
- CAT WEBLING. **Fanfiction Is a Valid Literary Genre, and Here's Why.** Medium. Disponível em: <https://catwebling.medium.com/fanfiction-is-a-valid-literary-genre-and-heres-why-1ffc3cf40fd2>. Acesso em: 03/06/2021.
- CHALITA, Gabriel. **Pedagogia do Amor: A contribuição das histórias universais para a formação de valores da nova geração.** São Paulo: Gente. 2003.
- COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual.** Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da literatura: literatura e senso comum.** Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CLCWeb. **Comparative Literature and Culture**. CLCWeb. Disponível em: <https://docs.lib.purdue.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1691&context=clcweb>. Acesso em: 01/06/2021.

COPPA, Francesca (2006). "**A Brief History of Media Fandom**". Em Hellekson, Karen; Busse, Kristina (eds.). *Fan Fiction and Fan Communities in the Age of the Internet*. Jefferson, North Carolina: McFarland & Company. pp. 41–59.

CRÔNICA. **O Jornal e o Livro**, 1859. Ufsc.br. Disponível em: <https://machadodeassis.ufsc.br/obras/cronicas/CRONICA,%20%20Jornal%20e%20o%20Livro,%201859.htm>. Acesso em: 09/10/2021..

Dados do Inep mostram que 55% das escolas brasileiras não têm biblioteca ou sala de leitura - Notícias. Portal da Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/549315-dados-do-inep-mostram-que-55-das-escolas-brasileiras-nao-tem-biblioteca-ou-sala-de-leitura/#:~:text=Das%20180%20mil%2%20escolas%20brasileiras,escolar%20ou%20sala%20de%20leitura.&text=O%20debat%20e%20foi%20promovido%20pela,e%20privadas%20%E2%80%93%20tenham%20bib%20liotecas%20escolares>. Acesso em: 07/06/2021.

DEUTSCHE WELLE (WWW.DW.COM. 1933: **Grande queima de livros pelos nazistas** | DW | 10.05.2021. DW.COM. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1933-grande-queima-de-livros-pelos-nazistas/a-834005>. Acesso em: 06/06/2021.

DE FI DE GRAU, Treball. **APPRECIATION OR ABOMINATION? A STUDY OF FANFICTION AS LITERATURE** Grau d'Estudis Anglesos. [s.l.]: , 2019. Disponível em: <http://diposit.ub.edu/dspace/bitstream/2445/170822/1/EGIDO%20LORENTE%20C%20Ju%CC%81lia%20TFG.pdf>. Acesso em: 25/05/2021

DIANA, Daniela. **O que é Literatura?** Toda Matéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-literatura/>. Acesso em: 24/05/2021.

Dicio. Disponível em: <https://www.dicio.com.br>. Acesso em: 06/06/2021.

DUMAS, Alexandre. **Benserade dans la littérature**. Disponível em: <http://www.benserade.fr/pages/benserade-litterature.html>. Acesso em: 09/10/2021.

DOR, Joël. **Introdução à leitura de Lacan, v.1: o inconsciente estruturado como uma linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. 191 p.

El País. **Justiça veta censura homofóbica de Crivella na Bienal do Livro do Rio**. EL PAÍS. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/06/politica/1567794692_253126.html. Acesso em: 06/06/2021.

Estante Virtual. **Do romance de folhetim ao Chick-Lit** | Estante Virtual Blog. Estante Virtual Blog | Livros, cultura e afins. Disponível em: <https://blog.estantevirtual.com.br/2013/06/18/do-romance-de-folhetim-ao-chick-lit/>.

Acesso em: 09/10/2021

Fanfic As Academic Discipline | JSTOR Daily. JSTOR Daily. Disponível em: <https://daily.jstor.org/fanfic-as-academic-discipline/>. Acesso em: 01/06/2021.

FANFIC. **Secretary - VERSÃO REESCRITA!** Tumblr.com. Disponível em: <https://ficsdati.tumblr.com/secretarynew>. Acesso em: 09/10/2021.

FANFIC SPIRIT TECNOLOGIA LTDA. **Qual é o Problema em amar?**. Spirit Fanfics e Histórias. Disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/imagine-sn-qual-e-o-problema-em-amar-fic-l-gbtq-22346143>. Acesso em: 12/10/2021.

_____. **Meu amado Itachi Uchiha**. Spirit Fanfics e Histórias. Disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/meu-amado-itachi-uchiha-imagine-22235589>. Acesso em: 12/10/2021.

Folha de São Paulo. **Jovens leem mais no Brasil, mas hábito de leitura diminui com a idade**. Folha de S. Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2019/09/jovens-leem-mais-no-brasil-mas-habito-de-leitura-diminui-com-a-idade.shtml?origin=folha#>. Acesso em: 10/06/2021.

Foucault, M. (2001). **O Que é um Autor?** Tradução de I. A. D. Barbosa. In: Ditos e Escritos III. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. RJ: Forense Universitária, p. 264- 298. (Trabalho originalmente publicado em 1969) Kundera, M. (1993). Les Testaments trahis. France: G Galvão, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Izabel Galvão. - Petrópolis, RJ ; Vozes, 1995. - (Educação e conhecimento).

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Izabel Galvão. - Petrópolis, RJ ; Vozes, 1995. - (Educação e conhecimento).

INSTITUTO PRÓ-LIVRO, **Retratos da Leitura no Brasil**. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2015.

_____, **Retratos da Leitura no Brasil**. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2019.

ISER, W. **L'acte de lecture**. Trad. fr. Bruxelles: Mardaga, 1976.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009. 428 pp. Tradução: Susana Alexandria.

JENKINS, Henry. **Fan Fiction as Critical Commentary**. Henry Jenkins. Disponível em: http://henryjenkins.org/blog/2006/09/fan_fiction_as_critical_commen.html.

A

cesso em: 03/06/ 2021.

Kappan. GEE, JP. **Affinity spaces: How young people live and learn online and out of school** - kappanonline.org. kappanonline.org. Disponível em: <https://kappanonline.org/gee-affinity-spaces-young-people-live-learn-online-school/>.

Acesso em: 04/10/2021.

MARCELA, Rhânia. **A música durante a ditadura militar brasileira**. Letras.mus.br. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/blog/musicas-da-ditadura/>. Acesso em: 24/05/2021.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). Gêneros textuais & ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

Migalhas. **Novela em Migalhas, a revelação** - Migalhas. Migalhas.com.br. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/quentes/288654/novela-em-migalhas--a-revelacao>. Acesso em: 09/10/2021.

Nova Escola. **O conceito de afetividade de Henri Wallon**. Nova Escola. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/264/0-conceito-de-afetividade-de-henri-wallon>. Acesso em: 02/06/ 2021.

Pesquisa mostra que 82,7% dos domicílios brasileiros têm acesso à internet. Ministério das Comunicações. Disponível em: <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2021/abril/pesquisa-mostra-que-82-7-dos-domicilios-brasileiros-tem-acesso-a-internet>. Acesso em: 07/06/2021.

PIAGET, Jean. **A relação da afetividade com a inteligência no desenvolvimento mental da criança**. v. 26 n. 3, 1962. Texto retirado da internet e traduzido do original "The relation of affectivity to intelligence in the mental development of the child". Bulletin of the Menninger Clinic, London, v. 26, n. 3, 1962.

ROUXEL, Annie. **Ensino de literatura: experiência estética e formação do leitor**. In: ALVES, José Hélder Pinheiro (Org.). Memórias da Borborema 4: Discutindo a literatura e seu ensino. Campina Grande: Abralic, 2014.

_____; LANGLADE, Gérard & REZENDE, Neide Luzia (org) **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.

ROUXEL, Annie. **Ensino de literatura: experiência estética e formação do leitor**. In: ALVES, José Hélder Pinheiro (Org.). Memórias da Borborema 4: Discutindo a literatura e seu ensino. Campina Grande: Abralic, 2014.

_____; LANGLADE, Gérard & REZENDE, Neide Luzia (org) **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.

Terra roxa e outras terras. **Revista de Estudos Literários Volume 31** (dez. 2016) – 1-115 – ISSN 1678-2054. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/>. Acesso em 06/06/21.

TOREZAN, ZEILA C. FACCI ; AGUIAR, Fernando. **O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade**. Revista Mal Estar e Subjetividade, v. 11,

n. 2, p. 525–554, 2011. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200004. Acesso em: 06/06/2021.

THOMAS, Bronwen. **“What Is Fanfiction and Why Are People Saying Such Nice Things about It??”** *Storyworlds: A Journal of Narrative Studies*, vol. 3, University of Nebraska Press, 2011, pp. 1–24.

WIKIPEDIA CONTRIBUTORS. Wikipedia. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal. Acesso em: 02/06/2021.